



ORIENTE MÉDIO

Sanções a Israel por "limpeza étnica"

Reino Unido e 11 países anunciam imposição de restrições ao comércio com assentamentos judaicos na Cisjordânia ocupada. Governo israelense reage, denuncia "mentiras ultrajantes" e fecha o consulado britânico em Jerusalém

» RODRIGO CRAVEIRO

Moradores do vilarejo de Qusra, na Cisjordânia ocupada, o palestino-americano Loui Ridi, 46 anos, e sua família vivem um pesadelo desde 9 de agosto. "A situação por aqui é a mesma. Não somos capazes de ir e vir livremente, e ninguém tem permissão para nos visitar ou nos trazer comida sem coordenação, o que pode levar de dois a quatro dias. O posto de controle das IDF (Forças de Defesa de Israel) está bem em frente à minha casa, enquanto os colonos judeus circulam livremente ao redor de nossa residência", desabafou ao **Correio**. O drama vivido por Loui mobilizou a atenção da comunidade internacional para os ataques perpetrados pelos colonos israelenses contra palestinos da Cisjordânia.

Em declaração conjunta, Reino Unido, Espanha, França, Canadá, Dinamarca, Finlândia, Irlanda, Islândia, Noruega, Portugal, Polónia e Suécia anunciaram que aplicarão sanções contra o comércio com assentamentos judaicos na Cisjordânia ocupada. Em discurso no Parlamento, o ministro das Relações Exteriores britânico, Ed Miliband, acusou o governo do premiê israelense, Benjamin Netanyahu, de fazer vistas grossas à "limpeza étnica" organizada pelos colonos judeus. "Posso anunciar hoje que vamos instaurar uma proibição de importação de produtos procedentes de assentamentos ilegais situados nos territórios ocupados", disse Miliband.

O chanceler israelense, Gideon Saar, divulgou as medidas de retaliação a Londres: o fechamento do consulado do Reino Unido em Jerusalém; a expulsão de britânicos do centro de ajuda internacional para Gaza, em Kiryat Gat; a suspensão da atividade

britânica no treinamento de forças da Autoridade Palestina na Cisjordânia; a proibição de entrada em Israel de 12 autoridades eleitas e cidadãos britânicos envolvidos em ações antisemitas. "A mensagem para qualquer governo que nos prejudique é clara: quem agir contra Israel, Israel agirá contra ele, e ele perderá sua influência e relevância na região. Ações contra Israel não ficarão sem resposta."

O chefe da diplomacia israelense classificou as declarações de Miliband como "mentiras ultrajantes". Deixe-me deixar isso claro desde o início. Não temos nada contra o povo britânico. Infelizmente, um governo trabalhista hostil está no poder, sistematicamente agindo contra o Estado de Israel", afirmou Saar.

Alta representante para a política externa da União Europeia (UE), Kaja Kallas comentou a aplicação das sanções pelos 12 países. Segundo ela, "todos os Estados-membros do bloco concordam que os assentamentos israelenses na Cisjordânia são ilegais à luz do direito internacional". "A expansão dos assentamentos pelo governo de Israel na Cisjordânia compromete as perspectivas de uma solução viável de dois Estados", afirmou. No entanto, ela assegurou que a UE seguirá como "a maior doadora da assistência humanitária para Gaza e Cisjordânia". "Mantemos nosso firme compromisso de apoiar uma paz abrangente, justa e duradoura, baseada na solução de dois Estados", acrescentou.

"Problema político"

Kai Enno Lehmann, professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP), reconhece a existência de uma crise diplomática

Jaafar Ashtiyeh/AFP



Palestinos inspecionam casa destruída pelo Exército israelense no vilarejo de Aqraba, ao sul de Nablus, na Cisjordânia

envolvendo Israel e países ocidentais. "No Reino Unido, liderado pelo primeiro-ministro trabalhista Andy Burnham, o apoio considerado incondicional a Israel pelos premiês anteriores tem sido um problema político para os governistas. Muitos dos seus distritos eleitorais têm uma parcela significativa de eleitores muçulmanos, que consideram esse apoio a Israel quase que uma falha moral", explicou ao **Correio**. Para Lehmann, o embate entre Reino Unido e

Israel precisa ser visto dentro desse aspecto: a perda do aval importante desses eleitores. "Burnham viu-se obrigado a mudar um pouco a postura diante do declínio do apoio popular a Israel."

O professor da USP mostra-se cético em relação ao efeito das sanções aplicadas a Israel. "Eu duvido que isso vá mudar algo na Cisjordânia em termos concretos. Temos que esperar o resultado das eleições", opinou Lehmann. Professor de relações

Oren Ziv/AFP



Corpos de civis cobertos em ponto de ônibus em Sderot: execuções sumárias

permanecemos trancados em casa. Escutamos tiros o dia todo. Vimos fotos de pessoas assassinadas pelos terroristas, além de vídeos de gente sequestrada e levada

para Gaza. Terroristas acessaram as redes sociais das pessoas que sequestraram ou assassinaram e iniciaram transmissões ao vivo", relatou. **(RC)**

DIPLOMACIA

Emissário de Trump visita a vizinhança

Alianças para combater os cartéis e estruturas do narcotráfico na origem, na América do Sul, estão no centro da visita que o secretário de Estado Norte-Americano, Marco Rubio, iniciou ontem na Colômbia. Recebido na pista do aeroporto de Bogotá pelo presidente Abelardo de la Espriella, um aliado recém-empossado, o chefe da diplomacia de Washington iniciou uma agenda que inclui escalas no Peru e no Equador — dois outros focos da ofensiva em andamento na América do Sul, tendo como objetivo imediato alegado o combate ao narcotráfico.

No desembarque em Barranquilla, no litoral caribenho colombiano, Rubio antecipou que o esforço de Washington se candidata a "reforçar a cooperação na luta conjunta contra o narcoterrorismo", como alega da prioridade. Mas indicou que o alvo, mais adiante, é econômico: "Vamos aprofundar as relações comerciais", antecipou, incluindo as escalas seguintes no Peru e Equador.

"Queremos ter uma relação de longo prazo."

Desde a posse, há cerca de um mês, o novo presidente colombiano vem intensificando bombardeios aéreos contra remanescentes das guerrilhas de esquerda, aos quais acusa de servirem como estrutura militar de apoio ao narcotráfico. Admirador entusiasta de Donald Trump, De la Espriella autorizou operações conjuntas com as forças militares dos EUA em território colombiano. Em um dos primeiros atos no cargo, encerrou as negociações de paz iniciadas pelo antecessor, o esquerdista Gustavo Petro, com os grupos armados ilegais.

A visita do secretário de Estado norte-americano sela a adesão dos três países sul-americanos à iniciativa que o próprio Marco Rubio coordenou, no mês passado, para estabelecer o Escudo das Américas, uma coalizão entre governos da região no combate ao narcotráfico. O encontro, na Flórida, berço e reduto político de Rubio, reuniu 18 países da América Latina e do

Luis Acosta/AFP



O secretário de Estado,em Bogotá, com o presidente Adalberto de la Espriella

Caribe. O Brasil não esteve presente. "Estamos coordenando esforços para proteger nosso hemisfério", escreveu o secretário em artigo publicado na imprensa dos países que visitará.

Terra firme

Cotado como possível candidato governista a suceder o presidente

Donald Trump, na eleição presidencial de 2028, o secretário de Estado assumiu para si, desde o início do atual mandato, em janeiro de 2025, a missão de "recuperar o nosso quintal" — como ele próprio e os expoentes do governo Trump passaram a se referir à América Latina. O novo presidente colombiano, assim como a recém-eleita governante do Peru, Keiko Fujimori, são aliados

que Washington não mediu esforços em promover, no empenho para tirar do caminho os governos da esquerda nacionalista na região.

Depois da escala em Lima com a nova aliada, Rubio seguirá para Quito, onde o presidente Daniel Noboa pilota desde a posse, em 2023, a reaproximação "carnal" do Equador com os EUA. Na agenda do encontro estarão as negociações para reativar bases militares de interesse estratégico para o controle militar dos EUA na América do Sul. Nas primeiras décadas do século, a principal delas, a de Manta, no litoral pacífico, foi fechada para os EUA pelo então presidente, o esquerdista Rafael Correa.

Os dois governos mantêm já cooperação contra o narcotráfico, e em nome dela a Marinha norte-americana afundou no fim de semana, no litoral equatoriano, cinco embarcações suspeitas de levar cocaína rumo aos EUA.

A viagem de Rubio à América Latina ocorre após a captura, em janeiro, do presidente venezuelano Nicolás Maduro, em operação militar dos EUA. Na semana passada, Washington anunciou acordo com a vice de Maduro e presidente interina, Delcy Rodríguez, pelo qual os EUA assumiriam o controle majoritário sobre mais de 65 bilhões de barris das reservas de petróleo do país.